



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA**

**Gabriela Ferreira de Ferreira**

**DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SUPERAÇÃO AO  
BULLYING ESCOLAR**

**Santa Maria, RS  
2019**

**Gabriela Ferreira de Ferreira**

**DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SUPERAÇÃO AO  
BULLYING ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção de grau de **Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

Santa Maria, RS  
2019

**Gabriela Ferreira de Ferreira**

**DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SUPERAÇÃO AO  
BULLYING ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia –  
Licenciatura Plena, da Universidade Federal  
de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito  
parcial para a obtenção de grau de  
**Licenciada em Pedagogia.**

**Defendido em 23 de agosto de 2019:**

---

**Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dra. (UFSM)**  
(Presidente, Orientador)

---

**Jane Schumacher, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me abençoou para que pudesse realizar meu sonho de criança que perpetuou pela adolescência e se fez presente, tornando-se realidade. Gratidão imensa aos meus dois anjos protetores. Minha mãe, presente em todos os momentos, recordando minha capacidade, com carinho, paciência, todo meu amor por ela. Grata ao Universo por me presentear com minha avó materna Ana Rita. Por ela ter estado neste plano por 93 anos, me acompanhar por toda a vida, embora tenha se eternizado nesse semestre. Foi vó, filha, para que eu cuidasse, amasse, fizesse tudo ao meu alcance pela qualidade de vida dela. Saudades da minha Ana, amor mais puro que senti na vida. Agradeço a minha família Pelotense, meus dindos/pais Loiva Mena e Osvaldo Mena, meus primos/irmãos Osvaldo Mena Júnior e Juliano Mena, sempre que precisei pude contar com vocês, grata pela nossa união durante a maior perda da nossa família, amo cada um de vocês. Agradeço a minha prima Caroline, com quem conto sempre. Aguentou minhas crises existenciais, e sempre acreditou que era possível e que eu era capaz. Agradeço aos meus amigos, que me apoiaram em todos os momentos, torcendo para a chegada desse dia, essenciais na minha vida, amo muito vocês. Agradeço ao meu namorado, presente em vários momentos, entendendo a minha ausência, me acompanhando e torcendo a sete anos, muito amor por ele e pelo nosso Davi. Agradeço as minhas duas parceiras de vida, ainda mais presentes nesses últimos meses. Nicole e Laís. Vocês foram ímpares não somente comigo, mas com a minha família. Contar com vocês em qualquer momento, tornou as coisas mais leves. Minhas bonequinhas, amo demais cada uma. Agradeço a minha colega/mãe Santamariense, Ana Paula Montedo. Te conhecer e contar contigo ao longo dos anos, desde o início, foi um presente divino que Deus guardou para esse momento especial. Me acolheu, faz parte da minha vida e fará sempre, só amor e gratidão pela minha Ana. Agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Márcia Paixão, escolhida no início do curso para me auxiliar nesta etapa. Obrigada pela paciência e principalmente por contribuir de forma significativa na minha formação. Agradeço a minha Banca Prof<sup>a</sup> Dra. Jane Schumacher. Obrigada pela paciência, e por ser essa orientadora de estágio compreensível, amável e ímpar. Por fim, agradeço a cada educador que ao longo dos anos contribuiu para que esse momento chegasse, todos são especiais na minha caminhada.

## **RESUMO**

### **DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SUPERAÇÃO AO BULLYING ESCOLAR**

AUTORA: Gabriela Ferreira de Ferreira

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

Este trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia (Noturno) da Universidade Federal de Santa Maria aborda o tema Bullying nos Anos Iniciais dentro do contexto escolar. Apresenta como problema de pesquisa: “A prática pedagógica na escola pode contribuir com a superação do bullying no contexto dos Anos Iniciais?”. Traz como objetivo geral: Compreender o fenômeno bullying nos Anos Iniciais, buscando renovar a metodologia dentro da escola tendo em vista uma escola inclusiva. E como objetivos específicos: 1) Conhecer as definições sobre o fenômeno bullying no contexto escolar, juntamente com suas Políticas Públicas; 2) Estudar diferentes autores e autoras na busca pela superação do bullying na escola; 3) Trazer a experiência do estágio em diálogo com o tema do trabalho. No desenvolvimento da pesquisa estabeleço relações entre a teoria em diálogo com a prática educativa buscando contribuições para o contexto escolar. A pesquisa foi bibliográfica com uma abordagem descritiva a partir da experiência final de estágio. Para fundamentar a presente pesquisa cito: Davi Kolb (1984), Marie Chistine Josso (2004), Cléo Fante (2005), entre outros. A estrutura da pesquisa foi pensada de maneira que pudéssemos conhecer a temática e suas relações com as políticas públicas para os estudantes em diálogo com a prática dentro de sala de aula e posteriormente relatando essas experiências, desenvolvendo pistas para estabelecer ações inclusivas, buscando superar o bullying. A pesquisa mostrou que é possível ações que contribuam para a superação do bullying, garantindo a proteção à criança e ao adolescente através do Estatuto e principalmente dentro dos parâmetros da Base Nacional Comum Curricular, utilizando diferentes maneiras para potencializar essa nova metodologia pensada.

Palavras-chave: Bullying escolar; Docência; Prática Pedagógica.

## **ABSTRACT**

### **CHALLENGES OF PEDAGOGICAL PRACTICE IN OVERCOMING A SCHOOLAR BULLYING**

AUTHOR: Gabriela Ferreira de Ferreira  
ADVISOR: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

This paper concludes the (Night) Pedagogy Course of the Federal University of Santa Maria, addresses the theme Bullying in the Early Years within the school context. It presents as research problem: "Can pedagogical practice in school contribute to overcoming bullying in the context of the Early Years?". It has as its general objective: to Understand the bullying phenomenon in the Early Years, seeking to renew the methodology within the school with a view to an inclusive school. And as specific objectives: 1) To know the definitions about the bullying phenomenon in the school context, together with its Public Policies; 2) Study different authors in search of overcoming bullying at school; 3) Bring the internship experience to interact with the theme of the work. In the development of the research I establish relations between the theory interacting with the educational practice seeking contributions to the school context. The research was bibliographic with a descriptive approach from the final internship experience. To support this research I cite: Davi Kolb (1984), Marie Chistine Josso (2004), Cléo Fante (2005), among others. The research structure was designed so that we could know the theme and its relations with public policies for students in dialogue with the practice in the classroom and later reporting these experiences, developing clues to establish inclusive actions, seeking to overcome bullying. Research has shown possible actions that contribute to overcoming bullying, ensuring the protection of children and adolescents through the Law and especially within the parameters of the Common National Curricular Base, using different ways to enhance this new thought methodology.

Keywords: Bullying School; Teaching; Pedagogical Practice.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 CONHECENDO O FENÔMENO BULLYING.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 RELAÇÕES ENTRE BULLYING E O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....</b>	<b>13</b>
<b>3 OBSERVANDO O FENÔMENO BULLYING DURANTE O ESTÁGIO.....</b>	<b>17</b>
<b>4 REFLEXÕES SOBRE UMA ESCOLA INCLUSIVA.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A motivação para realizar essa pesquisa surgiu a partir das inserções em escolas ao longo da graduação do curso de Pedagogia. Durante a realização do Projeto de pesquisa, realizado no 4º semestre do curso e nos Estágios Supervisionados na Educação Infantil e nos Anos Iniciais essa temática chamou minha atenção. Era um tema pouco comentado, mas cada vez mais presente no dia a dia da vida escolar. Ao observar esses aspectos na relação entre as crianças, percebi que era necessária a problematização do tema, no intuito de promover mais conhecimento para os docentes e crianças. Entendo que as inserções são oportunidades para nós, futuras docentes, pois mostram a vida da escola exatamente como é. Dessa forma, pesquisar temas do cotidiano é nossa tarefa enquanto pesquisadoras e docentes.

A partir dessas inquietações do cotidiano escolar, busquei aprofundar esse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Para isso, desenvolvi uma pesquisa bibliográfica que nos possibilitará compreender o fenômeno bullying nos Anos Iniciais, buscando renovar a metodologia dentro da escola, tendo em vista uma escola inclusiva. Nessa linha, Anísio Teixeira (2000) afirma que "...a vida social se perpetua por intermédio da educação", ou seja, esse papel é fundamental para a comunicação e constituição dos estudantes, contribuindo para as relações individuais saudáveis, como também em grupo. E o autor segue ressaltando que "...toda a educação é social, sendo como é, uma conquista de um modo de agir comum. Nada se ensina, nem se aprende, senão através de uma compreensão comum ou de um uso comum". Sendo assim, uma das formas de mediação seria o equilíbrio entre esses dois processos elementares, para o desenvolvimento da aprendizagem dentro da escola.

Durante o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais no 4º ano, realizei estudos sobre a temática nas práticas desenvolvidas com a turma, utilizando os estudos que orientaram a prática em sala de aula. Sempre pensava em uma maneira de incluir as crianças no desenvolvimento das aulas em todas as áreas do conhecimento desenvolvidas no período e não somente quando falamos sobre o tema em aula. Então, percebi que, ao estender essa metodologia na Gestão e, posteriormente para a escola, poderia promover ações de conhecimento na comunidade como um todo e poderia proporcionar outra visão de escola que pudesse incluir todos os estudantes.

Para isso foi necessário conhecer e aceitar o desafio de sair da zona de conforto para potencializar essa metodologia nas turmas, como também na Gestão escolar para o conhecimento da comunidade. A partir dessas observações, minha pergunta de pesquisa foi a seguinte: A prática pedagógica na escola pode contribuir para a superação do bullying no contexto dos Anos Iniciais?

O objetivo geral que norteou a pesquisa *foi compreender o fenômeno bullying nos Anos Iniciais, buscando renovar a metodologia dentro da escola, tendo em vista uma escola inclusiva*. Contemplando esse objetivo geral, os específicos darão conta de conhecer as definições sobre o fenômeno bullying no contexto escolar, juntamente com suas Políticas Públicas, relatar a experiência de estágio em diálogo com o tema de pesquisa, utilizando diferentes autores como aporte teórico para seu desenvolvimento e por fim, conhecer a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) dentro das suas competências, buscando uma forma interdisciplinar, para que os estudantes aprendam a lidar com as suas emoções, na busca pela superação ao bullying na escola, para que tenhamos uma escola realmente inclusiva.

Assim, a pesquisa é bibliográfica com uma abordagem descritiva a partir da experiência do Estágio final. As leituras que deram o aporte teórico, para melhor entendimento do conceito de bullying foram: Cléo Fante (2005), David Kolb (1984), Paulo Freire (1983), Telma Vinha (2000), entre outros.

Possibilitar estudos sobre a prática para os docentes permitirá um aprofundamento sobre a própria atuação, quanto à questão de bullying, como também para a preparação em como lidar e intervir diante desses casos. Cléo Fante nos adverte que se não houve estudos e aprofundamentos durante a graduação, devemos buscar pesquisar e atualizar o conhecimento dos docentes, discentes e equipe da gestão escolar para que o fenômeno não fique em aberto: Nessa perspectiva, Cleo Fante (2005) adverte que:

Os cursos de graduação devem focar atenção na necessidade de prevenção à violência. Para isso, devem oferecer aos futuros profissionais de educação os recursos psicopedagógicos específicos que os habitem a uma atuação eficaz em seus locais de trabalho para que utilizem metodologias estimuladoras de diálogo como forma de resolução de conflitos, que promovam a solidariedade e cooperação entre os alunos, criando com isso um ambiente emocional que incentive a aceitação e o respeito às diferenças inerentes em cada indivíduo. (FANTE, 2005, p. 169)

Pensando nisso, a presente pesquisa conta com três capítulos que irão estabelecer subsídios para nortear o trabalho, contemplando cada objetivo específico.

O primeiro capítulo da pesquisa traz a concepção de bullying na visão de alguns autores e autoras, a partir do momento em que ele foi considerado um problema amplo e de várias Instituições e como passou a ser estudado, como também as relações de bullying e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Já no segundo capítulo veremos toda a experiência de estágio, minhas narrativas, o processo de construção de planejamentos, situações vivenciadas em sala de aula, metodologia desenvolvida com as diferentes áreas do conhecimento, aliadas ao conhecimento e problematização do fenômeno em sala de aula. E por fim, o terceiro capítulo aponta algumas perspectivas na busca de uma escola inclusiva. Finalizo com as minhas considerações finais.

## 2. CONHECENDO O FENÔMENO BULLYING

A palavra bullying é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que de acordo com o dicionário etimológico, são os atos agressivos, envolvendo ameaças, intimidação ou coesão, praticados contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física. (Michaelis, 2016). Ou seja, está de acordo com o que Fante, define sobre o conceito de bullying:

É uma forma de violência gratuita em que a vítima é exposta repetidamente a uma série de abusos, por meio de constrangimento, ameaça, intimidação, ridicularização, calúnia, difamação, discriminação, exclusão, dentre outras formas, com o intuito de humilhar, menosprezar, inferiorizar, dominar. Pode ocorrer em diversos espaços da escola ou fora dela. (FANTE, 2011, p.28)

O bullying escolar surgiu juntamente com a instituição de ensino, ou seja, há muito tempo. Por volta da década de 70, veio à preocupação com o fenômeno, época em que os educadores passaram a notar um considerável aumento das relações de violência entre os alunos dentro da escola. Nos Países nórdicos, os pesquisadores realizaram estudos científicos, a fim de compreender que consequências essa violência poderia trazer ao ambiente educacional. Sabemos que esse não é um problema atual, porém agora passou a receber uma visão maior sobre o tema, de acordo ainda com a abordagem de Fante:

O bullying sempre existiu, porém, somente há pouco mais de três décadas é que se tornou assunto estudado, com parâmetros científicos. Apesar de ser antigo, o que nos preocupa é seu crescimento e envolvimento de crianças em tenra idade escolar. (FANTE, 2005, p.31)

Quando falamos do local onde o bullying acontece duas autoras trabalham com vertentes diferentes, são elas Cleo Fante e Ana Beatriz Silva. Conforme Silva (2003) o bullying se apresenta somente no ambiente escolar, enquanto Fante (2005) acredita que o bullying ocorre no ambiente escolar, mas não somente nele, podendo ocorrer dentro do convívio familiar, ou em ambientes fora do contexto escolar.

O professor da Universidade da Noruega Dan Olweus foi o responsável por relacionar a palavra bullying ao fenômeno no fim da década de 70. Estudando tendências suicidas entre adolescentes, ele identificou que a maioria dos jovens sofria algum tipo de ameaça, sendo assim o bullying passava a ser tratado como um mal a ser combatido. Dan Olweus estabeleceu critérios importantes para que possamos

identificar os casos de bullying escolar, sendo: ações repetitivas contra a mesma vítima por um período prolongado de tempo, desequilíbrio de poder, dificultando a defesa da vítima e por último, ausência de motivo que justifique os ataques. O conhecimento desses critérios segundo ele seria fundamental para identificar o bullying, e também para distinguir de outras formas de violência não relacionadas ao fenômeno.

De acordo com a médica Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), no ano de 1982, três crianças se suicidaram ao norte da Noruega, com idades entre 10 e 14 anos. O motivo do acontecimento teria sido as constantes agressões sofridas dentro da escola. Diante disso, começaram os estudos identificando a origem dessas tendências por parte dos adolescentes. Logo que nos inserimos no ambiente escolar, consideramos normal crianças e adolescentes realizarem “brincadeiras” com risadas, empurrões, fofocas e até apelidos negativos. Tais atitudes não são normais durante a infância, pois sabemos que são desrespeitosas e tem por objetivo agredir o outro.

Telma Vinha (2000) destaca que a agressão física ou moral apresenta quatro características: a intenção do autor em ferir o alvo, a repetição dessa agressão, a presença do público espectador e por último a concordância do alvo em relação à ofensa que está sofrendo. Segundo ela, quando o alvo supera o motivo da agressão, ele reage ou ignora, e a partir daí acontece a desmotivação do autor. Esse autor que muitas vezes quer ser o mais popular e passar aos outros uma imagem boa de si mesmo, não tem esses comportamentos somente na escola, geralmente alguma situação familiar é resolvida da forma que ele transcende na escola, por exemplo.

Um fator pouco comentado, porém, de muita importância foi a relação do telespectador. Ele pode não perceber, mas é um papel fundamental no bullying. A maioria das pessoas constata que são apenas dois envolvidos no fenômeno, autor e alvo. Mas especialistas já alertam para um terceiro personagem que cada vez mais aparece como peça fundamental no desenvolvimento desse conflito, o telespectador/a. Ele ou ela é uma testemunha de todos os fatos, e geralmente não sai em favor da vítima ou do autor. E essa atitude passiva, ocorre por medo de ser alvo de ataques ou por falta de iniciativa de tomar partido de um personagem ou de outro, agindo como plateia ativa e dessa maneira reforçando a agressão. Geralmente, eles estão acostumados com a prática, encarando-a com naturalidade, dentro do ambiente escolar.

A partir dessas informações sobre o que é o fenômeno bullying e como ele acontece cada vez mais no ambiente escolar, veio a necessidade de conhecer cada personagem e a sua relação dentro dessa prática (agressor, vítima e telespectador) para posteriormente, pensar em como nós enquanto futuros educadores e educadoras, podemos lidar com essa prática, que é muitas vezes desenvolvida na própria aula ou no pátio da escola, mas de maneira que sensibilize cada um dos envolvidos, mostrando a eles as consequências dos seus atos, ou ainda o que a omissão deles pode causar afetando outras pessoas.

## **2.1. Relações entre bullying e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**

Além de conhecer as relações da definição do fenômeno, as Políticas Públicas para a infância vem sendo tema de pesquisa para vários pesquisadores/as brasileiros, inclusive estabelecendo relações para a elaboração do ECA. Segundo (Bazílio apud Gonda, 2002) a história e a política do atendimento a infância no Brasil, foi caracterizado por três fases:

Na primeira fase, a criança é representada como objeto de caridade, e não como um sujeito de direitos, época em que surgiram as Santas Casas de Misericórdia, mantidas pela Igreja Católica, funcionando apenas como meio para receber as crianças, evitando o abandono que era um grande problema visível na sociedade. A segunda fase teve início na década de 1920 e 1980 salientando a criação de dois códigos: o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABENS). Nessa fase da história da infância, houve uma concentração baseada no Judiciário, amparando e garantindo através do código para menores, o poder de enclausurar e capturar adolescentes a fim de reeducar, utilizando uma espécie de castigo. Já a terceira e última fase, foi marcada pela criação das Organizações Não Governamentais (ONGs) incluindo a Sociedade nas discussões e elaborando o Estatuto da Criança e do adolescente, (ECA). Esta discussão com a Sociedade, segundo o autor foi decisiva para os rumos da política de atendimento à infância e ao adolescente, atualizando regras e garantindo cada vez mais proteção para as crianças e adolescentes que se encontravam em situação de vulnerabilidade.

A Lei 8.069 criada em 13 de julho de 1990 é conhecida como Estatuto da Criança e do adolescente (ECA). Ela garante proteção integral à criança e ao adolescente, e é famosa pela amplitude de formas com que protege as crianças. Na

década de 70, tínhamos o Código de Menores, gerando assistência e proteção aos menores de 18 anos em situação irregular. O irregular caracterizava-se pelo menor que sofresse maus tratos, ou estivesse em perigo moral, com desvio de conduta e ainda desassistido juridicamente.

Com a Constituição de 1988, também chamada na época de Constituição Cidadã, valorizou-se os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, além de fomentarem a participação dos cidadãos. O fruto dessa união de desenvolvimento foi a instituição do ECA, reunindo normas para garantir essa proteção que já era pensada ao longo dos anos, tornando o Estado, a Sociedade e principalmente a família, responsável pela formação e estruturação de cada indivíduo. O ECA traz o conceito de criança e adolescente e retira o conceito de Menor, que tinha uma característica pejorativa e excludente. A partir do ECA, a criança é vista como sujeito de direitos.

O ECA estabelece inúmeras garantias para aquelas crianças e adolescentes que se sentem inseguros, mostrando inclusive que o praticante de bullying, viola preceitos estabelecidos, como também se as medidas forem devidamente aplicadas, serão poderosos instrumentos para prevenir a propagação do bullying. Válter Ishida, conceitua algumas medidas de proteção indispensáveis:

São as medidas que visam evitar ou afastar o perigo ou a lesão à criança ou ao adolescente. Possuem dois vieses: um preventivo e o outro reparador. As medidas de proteção, portanto, traduzem uma decisão do juiz menorista (*sic*) **[nota 3]** ou do membro do Conselho Tutelar em fazer respeitar um direito fundamental da criança ou adolescente que foi ou poderá ser lesionado pela conduta comissiva ou omissiva do Estado, dos pais ou responsável ou pela própria conduta da criança ou adolescente. (ISHIDA, 2013, p. 217).

Assim, ele concorda com todos os artigos e aspectos garantidos para as crianças e adolescentes através do ECA, Ishida (2013) vem de encontro ao que estamos propondo dentro do ambiente escolar, garantir esses direitos para as crianças de maneira que nós enquanto educadores/as, possamos compreender ambos os personagens do fenômeno, sabendo a melhor forma de proceder no momento dessa prática na nossa presença, ou ainda, orientando todos para que em momentos fora de sala de aula, as crianças também saibam como reagir e o que podem fazer, como garante também o Artigo 53, mencionando o seguinte:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.” (ECA,1990)

Tendo como base o atual Código Civil Brasileiro, quanto à capacidade civil, o artigo 3º e 4º, podemos compreender que, quando o bullying é praticado por pessoa incapaz ou relativamente incapaz, eles não podem responder diretamente pela reparação do dano causado a terceiro, colocando a obrigação sobre o estabelecimento de ensino, por exemplo, caso o ato tenha sido praticado no local, bem como sobre os pais, mães ou responsáveis pelo agressor. Nessa mesma perspectiva, o artigo 18º resume bem o que devemos garantir e proporcionar aos nossos estudantes, como outros tantos dentro desse documento:

Art. 18. É dever de todos velares pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (ECA, 1990).

Assim, o ingresso do e da estudante dentro do estabelecimento educacional exige a sua matrícula, o que estabelece uma espécie de contrato, uma vez que a educação passa a ser o serviço fornecido pela instituição e utilizado pelo aluno/pais/responsáveis e o Código de defesa do Consumidor, regulando situações como essa, reconhece que o fornecedor responde, independentemente de culpa, pelos prejuízos causados aos consumidores, deixando claro que alunos, em fase de crescimento e aprendizagem, reunidos em um único local fornecem riscos, no sentido de gerarem conflitos de convivência.

Mello (2005) alerta sobre a escola, pensando que a aprendizagem não necessita estar vinculada somente ao currículo de conhecimentos em si, mas também nas suas atitudes para a vida, como a cooperação, resolução de problemas e conflitos, e também segurança para a tomada de decisões. Por isso a escola tem a responsabilidade de fornecer a segurança devida para evitar lesões, e não apenas físicas, decorrentes dessa socialização entre indivíduos.

Torna-se claro que, mesmo que o enfoque da instituição do Eca não seja o fenômeno bullying, a Constituição prevê e garante proteção individual nesses casos, especialmente através do seu artigo 5º:

(...) V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

(...) X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

(...) XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da Lei. (BRASIL, 1988, p. 05).

Com isso, tornamos ainda mais visível que não podemos concentrar a responsabilidade única e exclusivamente nas escolas, primeiro, porque não é apenas neste ambiente que o bullying ocorre, sendo possível a prática do mesmo por pessoa incapaz ou relativamente incapaz em outros ambientes, segundo, porque, embora a escola tenha grande responsabilidade, a família também carrega esse ônus. Algumas pesquisas defendem que a responsabilidade da escola seria subsidiária à dos responsáveis.

Após conhecer e poder compreender o fenômeno bullying, suas vítimas e o cenário em que acontece especialmente no ambiente escolar, percebemos através dessa pesquisa, que há várias formas de tentar conter essa violência, sabendo que todas as pessoas são responsáveis pela boa convivência longe de violência. Assim, a educação não deve apenas transmitir informações para um processo classificatório de pessoas, e sim proporcionar momentos em que as crianças possam pensar, e tenham a opção de criar a própria opinião. Hoje em dia, existem estudiosos citados na presente pesquisa, além de outros, que enfatizam muito bem a respeito do bullying. É importante ressaltar as ideias e conceituação de autores que reforçam a mesma ideia desse tipo de violência que na maioria das vezes a vítima aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém, porém se transforma em uma pessoa triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de lutar pelos seus direitos.

A partir do conhecimento dos educadores e educadoras sobre esse assunto, devemos orientar estudantes para a prevenção mencionando a Lei que estabelece a sua proteção e garante sua formação enquanto cidadãos, como também para a existência de punições que estão garantidas também em Lei, para tais atitudes, além de como devem proceder em casos de denúncia de bullying.

### 3. OBSERVANDO O FENÔMENO BULLYING DURANTE O ESTÁGIO

Considerando que conhecemos até o presente momento o fenômeno bullying, seu conceito e as relações entre ele e o ECA, nesse capítulo o foco será o diálogo da experiência do estágio e a percepção do bullying no ambiente escolar. Minhas impressões, a partir do diário de campo, dialogarão com os conceitos ressaltando a importância de conhecer a realidade, Paulo Freire diz que:

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese, é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. (FREIRE, 1983, p.52).

É nesse sentido que procurei desenvolver nossos momentos ao longo do desenvolvimento de estágio, buscando conhecer cada um, dentro das suas particularidades. Independente de ficarmos em contato por pouco tempo, busquei proporcionar uma metodologia que fizesse sentido para cada um, dentro das suas vivências. Realizei o estágio na minha cidade natal Caçapava do Sul, no Instituto Municipal de Educação Augusta Maria de Lima Marques, que é uma das Instituições mais atuais do nosso município. Fundada em 2015, teve sua implantação no segundo semestre do ano, ficando apta para receber estudantes. Ainda no ano de 2015 a escola contava com turmas de 1º, 2º e 3º ano, turmas essas que faziam parte do Ciclo do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Atualmente, a escola conta com turmas de 1º a 9º ano, divididas entre os turnos da manhã e tarde, e geralmente com as turmas duplicadas no turno da manhã.

De acordo com todo o estudo realizado no Projeto e posteriormente para esta pesquisa, fica evidente que atualmente, uma das mais significativas maneiras de se combater o bullying, é por meio da cooperação de todos os envolvidos, criando uma estratégia permanente para superar o problema, construindo laços solidários e, dando a visão para todos os personagens desse processo, incluindo também, os malefícios deste tipo de prática. A força da instituição e da participação organizada colabora e muito na prevenção e no controle (que não devemos confundir com repressão) contra o bullying. Concordando com essa perspectiva, Tardif defende que:

(...) o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos. Há que "situar o saber do professor na interface entre o individual e o social,

entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (TARDIF, 2002, p.16).

Colocando em prática essa percepção, na primeira semana procurei trabalhar de maneira mais descontraída, conhecendo cada um através de uma dinâmica inicial e posteriormente possibilitando momentos para que eles me conhecessem, sanando as curiosidades de cada um. Nossas aulas foram bem discutidas, participativas, e principalmente garantiram autonomia e voz a eles. Com isso, nossos diálogos não se limitaram somente aos conteúdos curriculares que trabalhamos ao longo do semestre, além de levar de uma maneira mais clara e leve ao entendimento deles, eles puderam criar hipóteses antes de conhecermos algo novo, e nesses momentos de diálogo, diversos eram os relatos.

Direcionei uma semana toda para conhecer melhor a família de cada criança, como seria a representação delas através de desenho, como também nas outras áreas do conhecimento, e posteriormente apresentar o conceito do fenômeno bullying para eles. Após o desenho de cada um, começamos a conhecer o conceito, através de uma reportagem da rede globo, veiculada em 24 de março de 2013 em São Paulo. A seguir, trecho da reportagem:

(...) A garota relatou ainda que há um mês vem sofrendo bullying na escola. "Elas me chamam de gorda e dizem que tenho um monte de estrias", afirmou. Após a agressão, a mãe da jovem a levou para a delegacia, onde foi registrado um boletim de ocorrência. Nesta terça-feira (24), a adolescente passou por exame de corpo de delito. Ela tem ferimentos nas costas e no rosto." (G1. Globo.com - Atualizado em 24/09/2013)

Além de apresentar os gêneros textuais, começamos a diferenciar o bullying de preconceito, utilizando a reportagem como instrumento. As crianças ficaram muito surpresas ao ler, e principalmente em discutir sobre isso, em uma roda de conversa como fizemos em alguns encontros da Universidade. Posterior ao diálogo realizei a dinâmica da maçã, uma forma bastante criativa e simples de sensibilizar as crianças sobre os malefícios causados pelo bullying pensado pela professora britânica Rosie Dutton concordando com o que diz Kolb:

Uma situação simulada, desenvolvida para se criar experiências para aqueles que aprendem, serve para iniciar seu próprio processo de investigação e aprendizado. (KOLB, 1984, p.11)

A partir da visualização de como ocorreu a experimentação em sala de aula, além de mostrar de uma forma concreta como se sentem as pessoas e as mudanças que elas sofrem, pude perceber também a reação das crianças durante a dinâmica.

Eram duas maçãs aparentemente iguais e, antes de entrar em sala, bati uma delas delicadamente no chão, sem que as crianças vissem. Peguei a maçã que bati levemente no chão e comecei a falar que não gostava dela, incentivando as crianças a repetirem as críticas. Com a outra maçã fiz o contrário, falava bem, incentivando as crianças a falar o mesmo. No final parti as maçãs, e utilizando as metades de cada uma para problematizar com a turma. As crianças perceberam que o que vimos no interior das maçãs, os machucados, os pedacinhos partidos, era semelhante ao que cada pessoa sente quando alguém nos maltrata com suas ações ou palavras. Foi essa sensibilidade que quis ensinar às crianças. Durante o momento da dinâmica e que servisse como exemplo para a vida delas.

Com as hipóteses mencionadas no início da manhã, e após a reportagem, cada um havia colocado seu ponto de vista, e suas opiniões sobre esse fenômeno. Muitos compreenderam nessa aula a diferença de bullying e preconceito, por exemplo. Após realizarmos essa dinâmica, através de um texto, conhecemos a história do bullying, bem mais resumida do que busquei para essa pesquisa, porém, com dados e conceitos importantes para que eles entendessem o que isso representa nas pessoas que sofrem, como também nas pessoas que praticam. Para que pudessem refletir sobre algumas situações, que talvez não lembrassem durante a manhã, realizei um questionário pessoal, que poderia ser respondido de forma oral, ou através da escrita, em suas casas. A ideia era que pudessem pensar no seu cômodo preferido, considerando também que cada um utiliza um horário para estudar e refletir, e, assim, tivessem tempo para este tema. Como nos diz John Dewey:

O pensamento ou a reflexão, (...) é o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer e o que sucede em consequência. Sem algum elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa(...) na descoberta minuciosa das relações entre os nossos atos e o que acontece em consequência deles, surge o elemento intelectual que não se manifestara nas experiências de tentativa e erro. À medida que se manifesta esse elemento aumenta proporcionalmente o valor da experiência. Com isto, muda-se a qualidade desta; a mudança é tão significativa, que poderemos chamar reflexiva esta espécie de experiência – isto é, reflexiva por excelência. (DEWEY, 1959, p.158-159).

A dinâmica desse questionário foi pensada para proporcionar esse momento de reflexão, e também de compartilhamento entre eles, estimulando através da nossa conversa inicial, que eles confiassem para contar seus anseios, seus medos, suas experiências com esse fenômeno, utilizando a própria experiência de vida de cada um, para ser trabalhada, à medida que não seja considerada entre nós educadores, e

principalmente entre eles educandos e educandas, um comportamento normal, uma brincadeira de criança, entre outros comentários que ouvimos durante algumas inserções realizadas.

Foram cinco perguntas que nortearam o questionário: 1. Quem já presenciou na escola ou fora dela, comportamentos de quem pratica bullying. 2. Se estivesse à vontade poderia contar como foi. 3. Como se sentiram quando presenciaram a situação. 4. Se não presenciaram, como imaginavam o que a pessoa sentia, ao presenciar uma situação de bullying. 5. Que tipo de atitude poderíamos tomar ao presenciar comportamentos de bullying com outras pessoas.

A partir das respostas fomos lembrando tudo aquilo que tínhamos visto até o momento, desde a nossa reportagem, nossa representação através do desenho, como nossos relatos durante o questionamento sobre o fenômeno, momento em que eles puderam expor aquilo que pensavam que se tratava, estimulando ambos a realizarem uma reflexão sobre as suas ações. Nessa linha Dewey afirma que:

Aprender da experiência é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições a ação torna-se uma tentativa; experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofrer em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas. (DEWEY, 1959, p.153)

Outro momento que reuniu toda a turma mostrando diferentes situações foi quando transformamos em desenho momentos que presenciaram ou que já tivesse ocorrido com alguém. Ficaram em pequenos grupos e, durante a confecção do trabalho, passei nas mesas para ouvir os relatos do preparo do trabalho. Foram várias situações, dentro e fora da escola, e ao representá-las comentavam a respeito. Como mediação, propus que pensassem juntos em uma maneira de tentar parar aquele tipo de comportamento.

Através dessa experiência cotidiana fica evidente a importância do olhar observador que precisamos desenvolver ao longo do estágio, principalmente na interpretação da representação de cada um através do desenho e construir junto com a turma possibilidades de relações saudáveis. A exposição em sala de aula, com as suas representações, traz a humanidade para dentro do espaço coletivo e produz reflexões conjuntas, como nos diz Junqueira Filho:

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que

inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Essa dinâmica, além de mostrar a vulnerabilidade que ficam as pessoas que sofrem com essa prática, possibilitou que toda turma pudesse pensar em como fazer diferente, em refletir sobre o que fazer, como fazer, e principalmente, como se pode ter atitudes de inclusão. Dessa forma, envolvemos o grupo para pensar uma escola inclusiva.

No dia seguinte, utilizamos outro instrumento para problematizar a mesma questão. Realizamos a dinâmica do espelho, que foi colado no fundo de uma caixa e escondido. Assim, quando olhavam a caixa podiam falar para os colegas o que estava vendo. Nesse momento fui conduzindo a discussão, pois percebi que ficavam surpresos ao ver o que se refletia no espelho. Então passei a perguntar o que estavam vendo, se era algo bom, legal, alguma coisa divertida, o que mais podiam falar do que estavam vendo, estimulando, assim, a opinião de como eles mesmos se enxergavam, e o que diriam sobre si mesmos aos colegas. Certamente a surpresa deles aos enxergar o espelho e ver a si mesma causou dúvida e um certo medo de falar o que pensavam sobre si. Aproveitei a oportunidade e ressalttei alguns aspectos que pude conhecer em cada um, e que não foi mencionado por eles e todos tiveram a oportunidade de se enxergar e comentar sobre o que viram. Kolb resalta que:

A ideia central aqui, é que o aprendizado, e conseqüentemente, os conhecimentos requerem tanto uma apreensão como uma representação figurativa da experiência e uma transformação desta representação. (...) A simples percepção da experiência não é suficiente para aprender; algo deve ser feito com ela. (KOLB, 1984, p.42)

Para concluir a semana dedicada ao fenômeno bullying, utilizei um instrumento que faz parte do cotidiano deles, de acordo com um questionário de conhecimento, realizado ao início do estágio, o filme. Ambos mencionaram nesse questionário, que nas horas vagas, assistem desenhos no youtube, leem, gostam de olhar filmes, entre outros. Encerrando a temática da semana, utilizei o filme “Extraordinário” como ponte para encerrarmos os conhecimentos sobre o fenômeno, que conta a história de Auggie Pullman. Ele é um garoto que nasceu com uma deformidade facial, fazendo com que passasse por 27 cirurgias plásticas. Aos 10 anos, ele frequentou uma escola regular, como qualquer outra criança, pela primeira vez. No quinto ano, ele precisa se

esforçar para conseguir se encaixar em sua nova realidade. É um filme que traz inúmeras situações de bullying, mostra como o menino se sente, e até mesmo como agir quando acontece algum comportamento ofensivo por parte de outras pessoas, trazendo ainda a inclusão. Através da iniciativa por parte do filme, a ideia foi promover um diálogo, baseado no respeito a cada opinião, como afirma Pavan:

(...) o papel docente é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador/a e futuro educador/a (grifo meu). (PAVAN, 2007, p. 45)

Na conclusão desse dia utilizamos um questionário para verificar as relações que eles estabeleceram sobre tudo que vimos durante a semana, aliadas ao filme, que colocou em situações práticas e cotidianas, todo o conceito que conhecemos, através de dinâmicas e também nos textos. Foram algumas perguntas que permitiram a reflexão sobre a temática, dentre elas, o que chamou mais atenção, como o personagem se sentia na maior parte do tempo, se gostaram do final da história, entre outros.

A finalidade das dinâmicas foi auxiliar a turma a saber como proceder mediante um comportamento parecido, sendo testemunha, como nos traz Neto:

Deve-se encorajar os alunos e alunas a participarem ativamente da supervisão e intervenção dos atos de bullying, pois o enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos autores e autoras (grifo meu) que eles não terão o apoio do grupo. (LOPES NETO, 2005, p.169)

Por isso tudo, é importante a formação e orientação docente para encaminhar as reflexões sobre o tema e buscar formas inclusivas de ser. A parte mais significativa dentro dessa proposta foram algumas respostas da turma que buscaram alternativas para melhorar a qualidade de vida do menino do filme, justificando a razão dos colegas e amigos não auxiliarem melhor, pois talvez não tiveram conhecimento e nem orientação para auxiliar.

#### 4. REFLEXÕES SOBRE UMA ESCOLA INCLUSIVA

Percebemos que atualmente uma das mais significativas maneiras de se combater o bullying é por meio da cooperação de todos os envolvidos, criando uma estratégia permanente para superar o problema, construindo laços solidários e dando a visão para todos os personagens desse processo, incluindo também, os malefícios deste tipo de prática. A força da instituição e da participação organizada colabora e muito na prevenção e no controle contra o bullying. O conceito de violência, muitas vezes, é usado de forma indiscriminada para referirem-se a agressões, hostilidades e intolerâncias. Segundo Minayo uma escola ideal é exatamente a escola que favoreça um ambiente saudável e de formação para a cidadania:

[...] é aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador (MINAYO, 1999, p.114).

A Instituição escolar é um lugar que necessita ser acolhedor, seguro, um ambiente que a criança sinta vontade e prazer em permanecer. A escola é um lugar onde estudantes permanecem muito tempo e, além disso, estão formando suas personalidades, construindo opiniões, seu caráter, ou seja, valores que levará para o resto da vida. Por isso a importância dos sujeitos que fazem parte da Instituição ter consciência e passar segurança, formação e informação para a criança. A conduta do educador/a é muito importante e observada pelos demais, daí a importância de promover a igualdade, o respeito às diferenças, e principalmente, fazer com o que o próprio criança reflita sobre como é negativa a prática do bullying:

Sua postura pode muitas vezes sentenciar o indivíduo e suas atitudes; assim, para uma melhor conduta e melhor aprendizado é necessário que haja no ambiente escolar uma perspectiva de forma positiva, em sala de aula, fazendo com que o aluno reflita sobre o problema, evitando que as diferenças possam gerar conflitos e, posteriormente, sejam potencializados em forma de agressão. (MEOTTI;PERÍCOLI, 2013, p.75).

Dessa forma, entende-se que a escola deve estimular o ensino e o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática da tolerância, responsabilidade e solidariedade. Segundo Fante (2005) para identificar de forma correta e precisa o que está acontecendo dentro da instituição, é necessário capacitar os profissionais para que possam intervir ao identificar no momento certo:

Acreditamos, portanto, que a prevenção ao bullying deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis. (FANTE, 2005, p. 92)

O primeiro passo para começar essa intervenção, seria identificando o tipo de bullying que está ocorrendo. Lopes Neto, classifica o bullying de duas formas, direto ou indireto:

São considerados bullying direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressão e gestos que gerem mal estar aos alvos [...] O bullying indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo geralmente mais adotados pelas meninas. (LOPES NETO, 2005, p. 166).

Dessa forma, em um ataque direto por exemplo, a vítima conhece o seu agressor, já no indireto a vítima é ferida, mas nem sempre sabe quem praticou. Conforme foi dito anteriormente, ele se traduz em todas as relações desiguais de poder em que um dos agentes seja ridicularizado ou sofram qualquer tipo de agressão. Portanto, no ambiente escolar o bullying pode acontecer também entre estudantes e docentes. Sabe-se que alguns estudantes além de agredir fisicamente e verbalmente os docentes na escola, criam perfis em sites de relacionamentos visando ridicularizá-los ainda mais. Daí, a necessidade de se trabalhar com esse tema na escola.

Para dar sustentação a essa escola inclusiva e que acolhe as diferenças, temos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) dez competências gerais sintetizadas que devem ser desenvolvidas ao longo de toda a educação básica. Competências essas que são ligadas ao caráter e atitudes das crianças, incluindo as habilidades socioemocionais no seu currículo. Elas estão relacionadas ao comportamento e principalmente aos valores, e pretendem garantir uma formação integral preparando estudantes para os desafios que irão enfrentar. As competências socioemocionais envolvem o estudo das emoções, seu entendimento e manejo sobre elas, assim como a empatia, auxiliando na tomada de decisão responsável. Por isso, o trabalho das competências socioemocionais é um grande aliado.

Lopes Neto destaca a importância de um movimento sobre bullying, envolvendo participação e comprometimento da comunidade:

Os programas antiviolença implantados nas escolas determinaram significativas reduções nas taxas de bullying, que variam de 20 à 80%. O sucesso obtido foi diretamente proporcional à participação ativa de seus alunos, professores, gestores, funcionários e pais. (LOPES NETO, 2011, p.63).

A escola ao se preocupar com o desenvolvimento das crianças de forma integral está valorizando características como a empatia, o respeito, a colaboração e a comunicação, contribuindo para a formação de um ambiente mais tolerante e ao mesmo tempo com convivência mais positiva. Sendo assim, é importante propor práticas pedagógicas que tragam o socioemocional para além dos conteúdos curriculares. É interessante buscar associações às disciplinas e as atividades tradicionais, não deixando transparecer como um componente curricular. Dessa forma, estaremos vinculando as competências socioemocionais ao desenvolvimento integral dos estudantes de fato, oferecendo uma formação verdadeiramente integral. E então, a partir desse contexto, a diminuição do bullying, será a consequência dessa metodologia adotada. Para isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018), como já estabelece no seu item “Por que adotar uma BNCC”, parágrafo 3º:

Cabe aos sistemas de ensino e às escolas implementar a BNCC, elaborando currículos que enriqueçam as aprendizagens essenciais nela definidas e as articulem a contextos que respondam aos interesses, necessidades e recursos locais. É também prerrogativa de cada sistema de ensino e das escolas definir estratégias e ações didático pedagógicas que possam promover a abordagem interdisciplinar entre os diferentes componentes e áreas curriculares. (BNCC, 2018, Por que adotar uma BNCC).

A BNCC apresenta competências socioemocionais que podem potencializar as relações dentro da reflexão ao pensar o planejamento. Poder trabalhar com as emoções dentro de sala de aula, poderá contribuir e muito na diminuição dos comportamentos de bullying, da parte dos agressores, como também auxiliar os estudantes a entender e compreender as suas emoções, saber como remanejar cada uma, e perceber que isso pode ser aliado ao conteúdo curricular dentro das diferentes áreas do conhecimento, podendo até melhorar as práticas pedagógicas, como também o convívio e a parceria dos estudantes, contribuindo para uma escola realmente inclusiva.

Diante dos dados abordados ao longo desse capítulo, percebe-se que o bullying está cada vez mais presente no ambiente escolar nesse século. A formação do docente é fundamental no trabalho de prevenção e posteriormente de intervenção do bullying. Saliento que precisamos envolver a comunidade escolar primeiramente para conhecer o fenômeno, suas técnicas e possibilidades de perceber os casos e inferir nesses casos. Assim, fica evidente que o ambiente escolar é o lugar de conscientização, por isso a importância da equipe escolar ter conhecimento sobre o fenômeno. Fante adverte que:

Para alcançarmos êxito na redução da violência, precisamos, primeiramente, conquistá-la na escola, por ser lá que os primeiros sinais de violência se manifestam com os alunos. Devido ao seu poder propagador e multiplicador, a escola deve ensinar os alunos a lidarem com as suas emoções para que não se envolvam em comportamentos violentos, transformando-os em agentes disseminadores de uma cultura da paz que se estenda aos seus demais contextos de vida. (FANTE, 2005, p.209).

Com isso, é visível a importância da prática pedagógica ser inclusiva, conhecer e saber tratar emoções que se apresentam em sala de aula. Isso não significa que os conteúdos serão desvalorizados ao contrário. Fazendo isso, a ênfase será na formação integral de fato, possibilitando que o sujeito seja capaz de lidar com suas emoções, conhecer conteúdos e auxiliar principalmente na formação do caráter e também dos valores de cada um, contribuindo com a superação do bullying nos anos iniciais.

Destaco o papel da direção e do corpo docente na busca da superação de atitudes excludentes, construindo espaços de harmonia e respeito. Ocasionalmente ao longo dos anos, pensando a longo prazo, menos evasão e mais educação e conhecimento. Finalizando esse capítulo com a citação da autora que me fez despertar o interesse pelo tema pela maneira como traz o fenômeno, de forma clara e objetiva, e principalmente pelas dicas e sugestões em como lidar com ele.

[...] é o caminho que conduz à paz. A solidariedade, a tolerância e o amor são os ingredientes que compõem o antídoto contra a violência e que deve ser aplicado no coração de cada criança, de cada adolescente, de cada jovem, enfim, no coração de todos os seres humanos, em especial no coração daqueles que se dedicam a arte de educar. (FANTE, 2005, p. 213).

Por fim, se a escola quer ser inclusiva precisará priorizar um ambiente de aprendizado seguro e saudável, em que as relações interpessoais sejam pautadas nos valores humanos, promovendo conhecimento e sensibilidade e respeito em cada estudante e na escola como um todo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a temática durante o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso estabeleceu mudanças e construções de novos conhecimentos dentro dessa perspectiva em minha vida e enquanto futura professora. Nessa visão de mudança de paradigmas, Josso (2004) traz a perspectiva das histórias de vida como uma abordagem de pesquisa que utiliza as narrativas das experiências como possibilidades de mudanças de si.

Sendo assim, terá sentido tanto para quem realiza a pesquisa, como também para quem colabora para que esse processo de autoformação se concretize. E essa formação acontece simultaneamente à construção de si próprio e das relações tanto na vida pessoal, como na profissional. Nesse sentido, refletir acerca da experiência vivida possibilita dar-se conta e buscar novos conhecimentos.

A partir dessa inquietação se estabeleceu o objetivo geral da pesquisa, compreender o fenômeno bullying nos Anos Iniciais, buscando renovar a metodologia dentro da escola, tendo em vista uma escola inclusiva. Desta forma, poderíamos pensar uma renovação de metodologia escolar de maneira inclusiva, que buscasse incluir não apenas em documentos e oratórias, mas na prática, em sala de aula e também fora dela, estimulando o conhecimento e conscientização da própria comunidade, sendo capaz de identificar o fenômeno, sabendo como agir em determinadas situações, com o objetivo, estruturamos maneiras que pudessem contribuir para essa ação inclusiva na escola.

A partir disso, diante dos autores e autoras que conhecemos e das problematizações acerca do tema, o desafio era utilizar métodos de maneira inclusivas no dia a dia, pensando nas diferentes singularidades que encontramos em sala de aula e principalmente, tentando começar essa mudança no próprio ambiente, servindo de estímulo para a equipe diretiva e posteriormente para os pais e responsáveis pelos estudantes. O relato de experiência foi utilizado baseado no aporte teórico da pesquisa. As crianças tiveram espaço para falar e escrever sobre o tema, para questionar, refletir e até mesmo dividir com os colegas seus anseios ou possíveis medos, relatar se ocuparam algum personagem dentro dessa situação, como se sentiram, e principalmente, um exercício fundamental para a construção do caráter e também dos valores enquanto ser humano, colocar-se no lugar do outro, poder sentir

e pensar em tudo o que passa na cabeça de uma pessoa que convive diariamente com esse tipo de comportamento.

Diversos autores hoje em dia pesquisam sobre o assunto, ele é proposto na formação continuada devido ao tamanho da visibilidade e principalmente por estimular o conhecimento sobre o fenômeno e sobre os métodos que podemos utilizar dentro da prática em sala de aula, gerando uma espécie tentativa para potencializar essa metodologia inclusiva. Por essa razão, penso que a pergunta da pesquisa foi respondida de uma maneira positiva, sendo que foi possível através da prática pedagógica dentro da escola, contribuir como estudo do bullying, aliado a todos os fatores que apresentamos no presente trabalho, estabelecendo eixos que possibilitarão outras abordagens na escola.

Atualmente estamos passando por diversos desafios na educação básica, a temática bullying vem aparecendo de forma cada vez mais frequente nas diferentes mídias. Por isso o interesse pela problematização do assunto que deveria ser entendido ou pelo menos termos uma pequena visão sobre a dimensão que iremos encontrar quando estivermos em sala de aula, para que tenhamos um olhar sensível para essas situações que infelizmente hoje em dia fazem parte do cotidiano escolar. Sobre esse pensamento, acredito que Paulo Freire traduz da forma mais simples aquilo que devemos ter como lema, enquanto futuros educadores: *“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”*

Essa transformação ocorrerá através da metodologia que estamos propondo em sala de aula, durante as rodas de conversa sobre o tema, deixando que as crianças possam expor suas opiniões a partir do conhecimento prévio de cada uma, ou durante uma dinâmica, seja do espelho ou da maçã, ou ainda da preferência do próprio educador, mas que sensibilize os estudantes, de forma que reflitam sobre o tema e as possíveis consequências de suas ações. Outra opção foi o filme, instrumento que através de um questionário para o conhecimento dos alunos, foi o mais votado, utilizado como fechamento do nossa temática semanal, isso porque a carga horária de estágio não nos permitiria dar uma sequência, mas que após estarmos em uma turma, podemos elencar a temática ao longo do ano, de acordo com as áreas do conhecimento que devem ser apresentadas para as crianças.

E para isso, tenhamos cada vez mais inquietações, questionamentos e a busca por compreender além daquilo que vimos dentro da graduação. Concluo esse trabalho pensando que é possível termos uma escola que contribua para a superação do

bullying, utilizando uma prática pedagógica inclusiva, baseada nas teorias acerca do tema, aliado ao Estatuto que garante proteção à criança e ao adolescente e principalmente dentro dos parâmetros da BNCC, utilizando diferentes maneiras para potencializar essa a escola inclusiva.

## REFERÊNCIAS

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão.** Niterói, RJ: Impetus, 2009.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** 3a. ed. São Paulo: Nacional. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. (1959a).

**Estatuto da Criança e do Adolescente.** São Paulo: Rideel, 1990.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2ª edição. Campinas. Editora Versus. 2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 6ª edição. Campinas. Editora Versus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** (Traducción de Rosisca Darcu de Oliveira). 7ª ed. (1ª edición:1969). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

**GLOBO, G1, Portal de Notícias.** Menina sofre bullying e apanha na saída da escola. Piracicaba, 24 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/09/menina-sofre-bullying-e-apanha-na-saida-da-escola-em-piracicaba-sp.html>>. Acesso em: 11 de jul. 2019.

ISHIDA, Kenji Válter. **Estatuto da Criança e do Adolescente: doutrina e jurisprudência.** 14ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JUNQUEIRA, Gabriel de Andrade Filho. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

Kolb, David. **Experiential learning.** Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall. 1984.

LOPES NETO, Arames Antonio. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, 81:164-172. 2005.

MELLO, Carlos Henrique Pereira. **Modelo para projeto e desenvolvimento de serviço.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2005.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza & CRUZ NETO, Otávio. **Triangulação de métodos de avaliação de programas e serviços de saúde.** In: BRONFMAN, M. & CASTRO, R. (Orgs.) Salud. Cambio y Política: perspectivas desde América Latina. México: Edamex Ed. 1999.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: What we know and what we can do.** London, Lackwell, 1993.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Cartilha: Bullying - justiça nas escolas.** 1ª ed. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil numa visão construtivista.** Campinas: Mercado de Letras, 2000.